

“HOMENS DAS OFICINAS, DAS COLÔNIAS, DOS SERINGAIS – NÃO SABEIS LER?”: A REPRESENTAÇÃO DO ANALFABETO NO JORNAL O ACRE NO PERÍODO DE 1947

Adão Rogério Xavier Silva *
Andréa Maria Lopes Dantas **
Wilse da Silva Brito Filho ***

Resumo: O presente estudo tem por objetivo proporcionar uma interpretação dos fatos históricos através da análise da representação do analfabeto. Para tanto, utilizou-se como fonte de pesquisa o jornal *O Acre*, publicado no período de 1947, e buscou-se identificar: como o jornal *O Acre* representa o analfabeto? Em que perspectiva o termo analfabeto é usado? No tocando a metodologia utilizou-se da análise de conteúdo e da referência teórica da representação. Considerando as questões norteadoras do estudo aponta-se como resultado que, o jornal *O Acre* representou o analfabeto a partir de signos negativos; e a perspectiva empreendida ao termo analfabeto foi de propagandear a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA).

Palavras chaves: Representação do analfabeto. Jornal *O Acre*. História da Educação.

"MEN OF THE OFFICES, OF THE COLONIES, OF THE SYRINGES - DO NOT YOU KNOW READ?": THE REPRESENTATION OF ANALPHABET IN THE NEWSPAPER THE ACRE IN THE PERIOD OF 1947

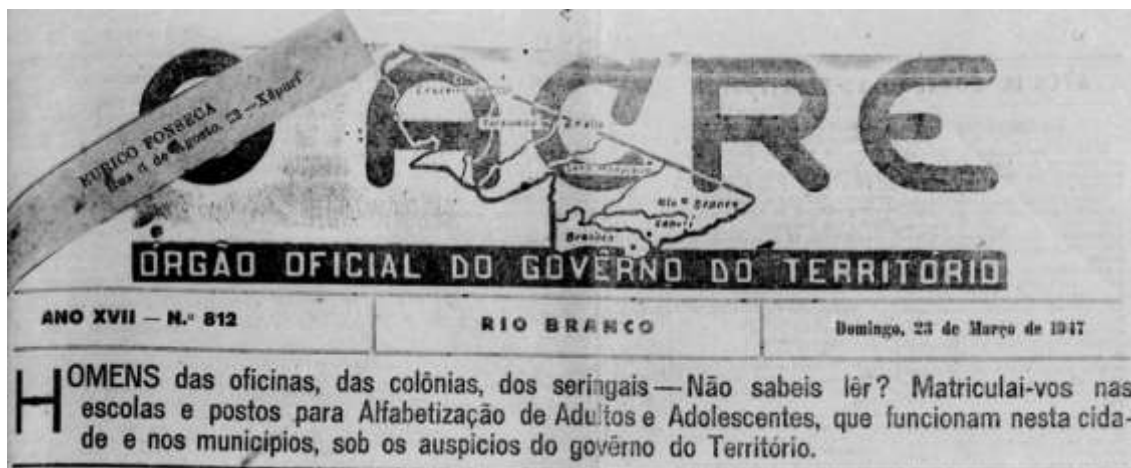
Abstract: The present study aims to provide an interpretation of the historical facts through the analysis of the representation of the illiterate. For that, the *O Acre* newspaper, published in the period of 1947, was used as a research source, and it was tried to identify: how does the newspaper *Acre* represent the illiterate? In what perspective is the term illiterate used? In touching the methodology was used of the analysis of content and the theoretical reference of the representation. Considering the questions guiding the study, it is pointed out that the newspaper *O Acre* represented the illiterate from negative signs; and the perspective taken on the term illiterate was to propagandize the Adolescent and Adult Education Campaign (CEAA).

Keywords: Representation of the illiterate. Journal *O Acre*. History of Education.

Introdução

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma análise a respeito da representação do analfabeto a partir do jornal *O Acre*, editado e publicado no período de 1947, a propósito, o título do artigo traz o empréstimo poético de um dos trechos das ideias que circulavam nas páginas do jornal (Figura 1) no referido período. Assim, o olhar empreendido justifica-se na perspectiva de que o conhecimento e interpretação do passado configura-se em uma atividade dinâmica, que se transforma, tal como ensina Bloch (2001): “o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa.” (BLOCH, 2001, p. 75).

Figura 1: Capa do jornal O Acre, ano 1947, Edição nº 812



Fonte: O Acre, 23 de março de 1947. Edição nº 812.

O caminho que levou à escolha da temática deste estudo pode ser interpretado na seguinte frase metafórica: navegar (pesquisar) pelas fontes de conhecimento (jornais editados no Território do Acre) sem ter o compromisso de onde ir (sem recorte específico de pesquisa), considerando apenas as águas da educação.

Ainda que o recomendável seja dispor de uma boa carta náutica (projeto ou pressupostos de pesquisa) que indique a balizagem, profundidades, correntes, declinações magnéticas e entre outros elementos que possibilitem ao navegador (pesquisador) atracar ao porto desejado (objeto de pesquisa), tal como ensina Gil (2002), lançar-se pelas fontes de conhecimento sem a tê-la configurou-se em um exercício estimulante e convidativo, sobretudo para navegadores principiantes¹ em processo de criação da autonomia do navegar.

Após sóis e luas frente ao timão de um singelo barco, mareando pela imensidão das fontes de conhecimento, avistou-se no artigo intitulado *Guerra ao Analfabeto!* Assinado por Menotti del Picchia², publicado no jornal *O Acre* em 24 de julho de 1949, deste, em específico, chama-se atenção à impressão que se tem do analfabeto:

Quando se fala em “guerra ao analfabeto” tem-se a impressão de que um felpudo soldado de carabina embalada, com cara de sigambro, tufos de barba no mento e olhos de louco, dirige a lâmina da baioneta para um camarada monstruoso, com ares do Barrabás de “O Martin do Calvário”. De fato: o analfabeto apresenta-se à nossa imaginação como algo de marginal e repulsivo, bicho entre homens, bárbaro entre urbanos. (*O Acre*, 24 de julho de 1949).

A guerra ao analfabeto indicada pelo autor refere-se à Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), inicialmente executada no Brasil no período de 1947. Com base em Costa e Araújo (2011), a CEAA mostra-se como a primeira ação governamental para a educação de jovens e adultos no Brasil, sendo que sua promoção deu-se no âmbito do Ministério da Educação e Saúde, objetivando levar a educação de base a todos os brasileiros iletrados, tanto em áreas urbanas quanto rurais.

Para tanto, organizou-se uma ampla estrutura administrativa a fim de mobilizar nos estados – e territórios – da federação, recursos administrativos, financeiros, pedagógicos e doutrinários. Nessa direção, apontam os autores que coube à União o papel de indutor, ao passo que às demais unidades da União coubera o compromisso de contratar professores, instalar novas classes, matricular os alunos e supervisionar as atividades desenvolvidas (COSTA; ARAÚJO, 2011).

Assim, considerou-se problematizar o seguinte: Como o jornal *O Acre* veiculado no período de 1947 representa o analfabeto? Em que perspectiva o termo analfabeto é usado?

Pontualmente, este estudo busca analisar os discursos acerca da representação do analfabeto no ano de 1947, recorte temporal que se justifica por ser o ano em que se inicia a execução da CEAA no Brasil. Para tanto, centra suas análises em textos veiculados no jornal *O Acre* disponíveis na Biblioteca Nacional Digital – Hemeroteca Digital³, que por sua vez associam-se diretamente ao tema analfabeto e em suas variações terminológicas, tais como: iletrado, inculto, apedeuto e ignorante.

Definido o problema de pesquisa, no primeiro momento, tratou-se de tecer breves considerações sobre a fonte de pesquisa, os jornais, em específico *O Acre*. Esse exercício deu-se com o suporte de Saviani (2004), Dantas (2011) e Lima (2014). Em segundo momento, tem-se a análise do jornal *O Acre*, publicado no período de 1947, isto é, as 43 Edições do jornal disponíveis na Hemeroteca Digital. Na análise, operou-se por uma metodologia aproximada a Bardin (2011) para análise de conteúdo.

No que diz respeito ao referencial de representação este ancora-se em Chartier (2002) que, com suporte do conhecimento teórico acumulado das ciências sociais em suas mais variadas amplitudes, dialoga com autores tais como: Marin

(1975, 1981, 1993), Blaise Pascal (1670) e Norbert Elias (1994), facultando o entendimento acerca das representações como ações efetivas na vida social.

O jornal O Acre como fonte de pesquisa para educação

Tem-se o registro de que a imprensa brasileira nasceu em 1º de julho de 1808, com o *Correio Brasiliense* e com o jornal oficial *A Gazeta do Rio de Janeiro*, que surgiu em 10 de setembro do mesmo ano. No Acre, quase um século depois, isto é, em 1901, período ápice pela disputa da separação de terras em relação à Bolívia, circulou pela primeira vez o jornal *El Acre*, à época, editado e impresso em Puerto Alonso (atual cidade de Porto Acre), e tinha por intencionalidade provocar e instigar ideais políticos (LIMA, 2014).

Com a assinatura do Tratado de Petrópolis⁴ em 17 de novembro de 1903, encerrou-se a tensão beligerante entre o Brasil e a Bolívia e tem-se a incorporação das terras acreanas à República do Brasil.

Verifica-se em Dantas (2011) que, entre os períodos de 1904 a 1946, os tempos de concórdia no território do Acre propiciaram a constituição de um ambiente sociocultural, político e econômico passível de fazer circular mais de 30 jornais, cuja periodicidade variava entre dois a dez anos. Conforme a autora, tais jornais:

São folhas literárias, jornais que criticam a ação dos governos locais, jornais oficiais, jornais particulares com uma periodicidade média de dois anos, dentre estes últimos, alguns são editados por famílias influentes que admitem o impresso como um importante mecanismo de divulgação de sua posição quanto a política local. (DANTAS, 2011, p. 29).

Em referência ao jornal *O Acre*, principal fonte desta pesquisa, Dantas (2011) indica que este se constituía como órgão oficial do poder público, incumbindo-se em fazer a divulgação dos protocolos administrativos de governo, tanto em sua fase departamental (órgão oficial do Departamento do Alto Acre), quanto territorial (semanário oficial do governo do Território do Acre). Conforme Dantas (2011):

As matérias e notícias relativas ao poder público, no jornal *O Acre* dividem-se nas seguintes seções: expediente da *Interventoria*, espaço em que são publicados telegramas expedidos e recebidos, Diretoria de Educação Estatística e Biblioteca, espaço destinado a publicação de atos relativos a nomeação e exoneração de professores, locação de estabelecimentos de ensino, remessa de

mapas e relatórios estatísticos, movimento escolar; *Diretoria de Obras, Agricultura e Trabalho, Diretoria de Higiene e saúde Pública e Chefatura de Polícia; Atos do Governo federal, Diretoria de Contabilidade e Tesouraria, Aumoxarifado Geral do Governo, Força Policial do Território do Acre.* (DANTAS, 2011, p. 31).

Entretanto, lembra a autora que, embora designado de tal incumbência, o jornal *O Acre* não se restringia somente às publicações de atos oficiais e notícias. Verificou-se a existência de seções que tratam da vida social dos habitantes locais; seções de resenhas de livros e revistas; boletim da associação comercial local; acontecimentos policiais; publicidades de serviços e produtos; e questões gerais que tratam da vida cidadina.

Ainda que pese a sua constituição de órgão oficial do poder público, a sua distribuição não era gratuita (DANTAS, 2011). A aquisição do jornal *O Acre* poderia ser feito por via avulsa ou assinatura (semestral ou anual). No expediente do jornal publicado em 20 de abril do ano de 1947, Edição nº 816 (Figura 1), verifica-se as distinções dos valores da assinatura do jornal, considerando o tempo e a localidade; e também, os valores referentes à sua venda avulsa.

Figura 2: Expediente do jornal *O Acre*, ano 1947, Edição nº 816.

O ACRE	
EXPEDIENTE	
ASSINATURAS	
Ano.....	Cr\$50,00
Semestre.....	Cr\$30,00
Fora da Capital (porte aéreo) por ano.....	Cr\$180,00
Fora da Capital (porte aéreo) por semestre.....	Cr\$100,60
Fora da Capital (via fluvial) por ano.....	Cr\$60,00
Fora da Capital (via fluvial) por semestre.....	Cr\$40,00
VENDA AVULSA	
Numero da semana... ..	Cr\$ 1,00
Numero atrasado.....	Cr\$ 2,00

Fonte: *O Acre*, 20 de abril de 1947. Edição nº 816.

Delineado, ainda que brevemente a estrutura e como se constituía o jornal *O Acre*, chama-se atenção para concepção aqui empreendida a ele como fonte de pesquisa.

Ancorado em Saviani (2004), acorda-se que as fontes se constituem como o ponto de partida, como base de apoio para construção historiográfica, salientando-se que não se atribui à fonte ser a base originadora do fenômeno histórico. Elas, enquanto registros dos atos históricos, possibilitam o navegar para o conhecimento que se produz a respeito da história.

Além disto, notabiliza-se seu caráter de inesgotabilidade, em outras palavras: “sempre que a elas retornamos tendemos a descobrir novos elementos, novos significados, novas informações que nos tinham escapado por ocasião das incursões anteriores” (SAVIANI, 2004, p. 30).

Nesta direção, toma-se aqui como fonte de pesquisa, as 43 edições do jornal *O Acre* veiculadas durante o período de 1947, sob a mesma perspectiva atribuída por Saviani (2004), ao conceituar fonte como:

[...] documentos, vestígios, indícios que foram se acumulando ou foram sendo guardados aos quais recorreremos quando buscamos compreender determinado fenômeno. A rigor poderíamos, pois, dizer que a multidão de papéis que se acumulam nas bibliotecas e nos arquivos públicos ou privados, as miríades de peças guardadas nos museus e todos os múltiplos objetos categorizados como novas fontes pela corrente da “nova história” não são, em si mesmos, fontes. Com efeito, os mencionados objetos só adquirem o estatuto de fonte diante do historiador que, ao formular o seu problema de pesquisa delimitará aqueles elementos a partir dos quais serão buscadas as respostas às questões levantadas. (SAVIANI, 2004, p. 30).

A seguir tem-se a análise de como o jornal *O Acre* veiculado no período 1947 representa o analfabeto e em que perspectiva o termo analfabeto é usado no periódico.

A representação do analfabeto no jornal *O Acre*

A metodologia empreendida neste estudo segue as três fases indicadas por Bardin (2011) para utilização da análise de conteúdo⁵, a saber: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. Porém, é importante sinalizar que, ainda que siga as três fases supracitadas, o desenvolver metodológico aqui empreendido em cada fase aproxima-se à proposta metodológica de Bardin (2011), ou seja, em alguns momentos o caminho seguido tomou outra forma.

Na primeira fase, a pré-análise, empreende-se o primeiro movimento pelos jornais, buscando mapear as publicações que se vinculavam diretamente ao tema

do analfabeto. Para tanto, utilizou-se de palavras chaves no sistema de busca da Hemeroteca Digital, a saber: analfabeto, iletrado, inculto, apedeuto e ignorante.

Considerando o recorte do período de proposto, resulta deste mapeamento os seguintes números de ocorrências: 18 para analfabetos; 08 para analfabeto; 0 para iletrado; 01 para inculto; 0 para apedeuto; e 03 para ignorante.

Quando na pré-análise das ocorrências encontradas, percebeu-se que a utilização de alguns dos termos – ignorante e inculto – filtrados na busca, não se vinculavam com o tema analfabeto, a exemplo da publicação⁶ de 25 de abril de 1947, onde se lê:

Duas flores de uma mesma planta não são idênticas em dimensão e morfologia. Devido a ti, há o branco e o preto, o rico e o pobre, o grande e o pequeno, o sábio e o **ignorante**, o lázaro e o são, o vivo e o morto, o justo e o injusto, o orgulhoso e o humilde, o crente e o descrente, o útil e o inútil, o deserto árido e a floresta verdejante [...]. (O Acre, 25 de abril de 1947).

Essa constatação fez condicionar a atenção somente para a palavra-chave analfabeto. Percebeu-se também que o sistema de busca por palavras chave da Hemeroteca Digital, não alcançava a totalidade das incidências referente à palavra-chave pesquisada. Neste sentido, ainda que seja proveitoso o sistema de busca da Hemeroteca Digital, utilizou-se o somente como recurso de primeira movimentação da pesquisa, optando-se por empreender posteriormente o método da leitura coluna a coluna do jornal.

Foram analisadas as 43 edições⁷ do jornal *O Acre*. Considerando que em sua maioria cada edição do jornal possui 8 folhas, foram verificadas aproximadamente 344 folhas, coluna a coluna. Resulta desta análise a identificação e separação de 34 folhas (salienta-se que houve duas ou mais ocorrências por folhas em apenas uma edição) com conteúdo específico ligado ao tema analfabeto. As referidas 34 folhas são provenientes das seguintes edições: 804; 805; 806; 807; 811; 812; 814; 815; 816; 818; 819; 820; 823; 850; 851; e 852, as quais se constituíram amostragem da pesquisa.

Considerando que a amostragem identificada e separada refere-se 16 edições de um total de 43 edições e, 34 folhas em relação a um total de 344 folhas, e devido à riqueza e densidade de informações contidas no material, bem como o

reconhecimento dos limites deste estudo, optou-se por trabalhar recortes de 08 edições.

Assim, esse primeiro movimento da pré-análise tratou especificamente da leitura, identificação e separação do conteúdo que se vinculava diretamente ao tema analfabeto. Na segunda fase, exploração do material, realizou-se os recortes nas 08 edições trabalhadas, procurando construir categorias e empreender um processo de redução de texto, palavras e expressões, conforme revela Tabela 1 a seguir.

Tabela 1: Recortes do Jornal O Acre do período de 1947.

Categorias	Recortes dos jornais	Referência
Analfabeto como empecilho da reorganização material (econômica) e espiritual (cultural) nacional.	Elevados índices analfabetismo nos grupos de população adolescente e adultos todo país, revelados últimos recenseamento, traduzem grave situação que tem ser firmemente represada, pois sem isso não se obterão favoráveis condições para reorganização material e espiritual vida brasileira, nem será atendido principio constitucional, de que educação é um direito de todos. [...] (Presidente Eurico Gaspar Dutra p/ Governador José Guimar dos Santos)	Jornal O Acre nº 804 de 26/01/1947 Seção publicada: ATOS DO GOVERNO DO TERRITÓRIO – Telegramas recebidos 4º Coluna, p. 02.
Analfabeto como ineficiente para desenvolvimento das forças produtivas e cívica.	As diferenças regionais são acentuadas. Enquanto nos Estados do Sul a taxa de analfabetos é de 40% nos Estados do Noroeste se eleva a 72%. Na região Leste e na região Norte, a proporção é a mesma do país, em geral 55%. Como quer que seja, o quadro geral é desolador. De toda a população produtiva do país metade está impossibilidade de eficiente participação na vida de trabalho e na vida civica, por lhe faltar mesmo os mais rudimentares recursos de cultura. E isso explica muitos de nossos problemas sociais. Para que possamos organizar a vida do país, em bases democraticas, será preciso dar ao povo saude e educação, condições de vida, que aliás só podem existir conjugadas. E não bastará o trabalho com as crianças em idade escolar que só produzirá no futuro. Será preciso tentar a recuperação da grande massa da população brasileira, ainda desprovida de instrução. [...]	Jornal O Acre nº 806 de 09/02/1947 Seção publicada: CORTES E RECORTES Do “O jornal” do Rio de 15/01/1947. 2º e 3º Coluna, p. 06.
Analfabeto como principal enfermidade da nação , logo a colocada em condição impeditiva do progresso político, técnico, econômico.	A maior enfermidade nacional [...] Constitui uma verdade meridiana proclama e aceita por todos quantos se preocupam com nossos problemas fundamentais, a de que o Brasil se inscreve ainda, e infelizmente, na categoria de nações de grande percentagem de analfabetismo. As diversas operações censitarias que se levaram a eleito em nosso país, seja no Imperio, seja na Republica, exibiram aos nossos proprios olhos tal estado de coisas. Trata se de uma verdadeira chaga e de enfermidade numero um da nação, de vez que não será possivel jamais ao Brasil alçar-se a um nivel elevado de progresso político, de adiantamento tecnico e economico, de civilização, enfim enquanto	Jornal O Acre nº 807 de 16/02/1947 CORTES E RECORTES Do “Diário de São Paulo” 4º e 5º Coluna, p. 05.

	<p>milhões de nossos conpatriotas não forem aquinhoados pelas benções até mesmo da instrução primaria. [...] No dia em que nos fôr dado acentuar que, em nosso território, não medra mais a planta daninha do analfabetismo, nesse dia S. Paulo merecerá o respeito e a consideração integral de todos os povos da “Comemonwealth” do Novo Mundo.</p>	
--	---	--

Fonte: Elaboração própria com base nos recortes do Jornal O Acre.

Continuação da Tabela 1: Recortes do Jornal O Acre do período de 1947.

Categories	Recortes dos jornais	Referência
<p>Analfabeto como falha social perigosa para democracia e liberdade, uma mancha que precisa ser eliminada.</p>	<p>“Sem educação não haverá liberdade” [...] esta campanha, entretanto, para lograr exito total, tinha que contar com a colaboração de todos os educadores e homens de boa vontade, desejosos de extirpar esta tremenda falha social. (Fioravanti di Piere) [...] Trata-se em verdade de uma verdadeira campanha de salvação publica, pois onde existe um analfabeto existe perigo para o regime democratico. Democracia é sinonimo de liberdade, de bem estar social e antonimo de analfabetismo. (Filgueiras Lima) [...] que se refletiriam na elevação do nivel cultural da nossa população adulta, abrindo novos horizontes no campo social. (Clemente Mariani) [...] trabalhar sem desfalecimento com patriotismo, na campanha de redenção de milhões de brasileiros, para que essa mancha fosse “eliminada de uma vez da civilização brasileira”. (Clemente Mariani)</p>	<p>Jornal O Acre nº 811 de 16/03/1947 CORTES E RECORTES Do “O jornal” do Rio de 20/02/1947. 3º e 4º Coluna, p. 06.</p>
<p>Analfabeto como flagelo humilhante que condiciona uma vida ruim de baixo nível cultural.</p>	<p>Brasileiros: Alistai-vos entre os cooperadores do grande movimento cívico que ora agita o País. A Educação de Adolescente e Adultos Analfabetos, se não quiserdes que o Brasil pereça e sucumba, vítima da ignorancia que é o seu maior flagelo. (Propaganda da Campanha de Alfabetização) Trata-se de fato de uma providência que se impõe aos bons brasileiros. Com efeito, quem contesta a situação humilhante de um homem, quando marcado com o sinete de analfabeto? E, no Brasil mais de 50% de seus habitantes vivem nessa triste condições. Empenhar-se pela substituição de tão dura realidade por outra de espirito esclarecido será contribuir para elevar o nivel cultural de um povo, possibilitando-o a viver melhor, e, ainda contribuir para o redimir desta posição desconcertante ao lado das nações civilizadas - pais de analfabetos. [...]</p>	<p>Jornal O Acre nº 812 de 23/03/1947 CAPA 2º e 4º Coluna, p. 01.</p>
<p>Analfabeto como ser cego, inválido e inútil a sociedade e a pátria.</p>	<p>Ser analfabeto é o mesmo que ser cégo ou inválido, porque é ser inútil à sociedade e à pátria. Brasileiro! Procura os postos de alfabetização de Adultos e Adolescentes no Instituto Getulio Vargas e no Grupo Escolar “24 de Janeiro” e aprender a ler para salvar o teu país. (Propaganda da Campanha de Alfabetização)</p>	<p>Jornal O Acre nº 812 de 23/03/1947 PROPAGANDA SOLTA 1º, Coluna, p. 07.</p>
<p>Analfabeto como maculoso da civilização brasileira.</p>	<p>55% de ANALFABETOS é a percentagem aterradora que enodôa os nossos créditos de povo civilizado. [...] (Propaganda da Campanha de Alfabetização)</p>	<p>Jornal O Acre nº 814 de 06/04/1947 PROPAGANDA SOLTA 1º Coluna, p. 08</p>

Analfabeto como o maior mal que aflige o Brasil.	Combate, sem desfalecimento, o analfabetismo. É ele o maior mal que aflige e atormenta o gigantesco organismo do Brasil. Aprende ou ensina a lêr-eis a decisiva e suprema solução. (Propaganda da Campanha de Alfabetização)	Jornal O Acre nº 815 de 13/04/1947 PROPAGANDA SOLTA 2º Coluna, p. 07
Analfabeto como contributivo da mortalidade infantil.	Mortalidade infantil e o analfabetismo [...] E o analfabetismo é um sério entrave à execução de qualquer tentativa no sentido de fornecer às gestentes e às mães ignorantes noções de puericultura e de higiene maternal e infantil. [...]	Jornal O Acre nº 852, 28/12/1947 CORTES E RECORTES “O jornal” do Rio de 21/09/1947. 4º e 5º Coluna, p. 05

Fonte: Elaboração própria com base nos recortes do Jornal O Acre.

Na terceira fase, tratamento dos resultados, buscou-se responder às questões de pesquisa, saber: como o jornal *O Acre* veiculado no período 1947 representa o analfabeto? Em que perspectiva o termo analfabeto é usado? Tais questões foram respondidas tomando como base teórica o conceito de representação de Chartier (2002).

Referenciando-se nas categorias criadas na segunda fase, exploração do material, tem-se o jornal *O Acre* de 1947 representando o analfabeto como: empecilho da reorganização material (econômica) e espiritual (cultural) nacional; ineficiente para desenvolvimento das forças produtivas e cívica; principal enfermidade da nação, logo a colocada em condição impeditiva do progresso político, técnico, econômico; falha social perigosa para democracia e liberdade, uma mancha que precisa ser eliminada; ser cego, inválido e inútil a sociedade e a pátria; maculoso da civilização brasileira; o maior mal que aflige o Brasil; contributivo da mortalidade infantil; e situação a ser superada para o vingar de uma verdadeira democracia com vista ao progresso futuro.

Objetivando elucidar o enunciado de representação supra categorizado à luz de Chartier (2002), sobretudo a partir das contribuições de Marin (1993), o autor assinala que a concepção teórica da representação⁸ indica um duplo sentido, uma dupla função, e por assim ser, são atribuídos à representação: “tornar presente uma ausência, mas também exibir sua própria presença enquanto imagem e, assim, constituir aquele que a olha como sujeito que olha”. (CHARTIER, 2002, p. 165), neste sentido o autor explica que:

Nessa acepção, que se ancora na significação antiga e material da “representação” entendida como a efígie colocada no lugar do rei morto em seu leito funerário (“Quando se veem os Príncipes mortos em seu leito de morte, vê-se apenas sua representação, sua efígie”),

a distinção é radial entre o representado ausente e o que o torna presente, o faz conhecer. Uma relação decifrável é então postulada entre o signo visível e o que ele significa. (CHARTIER, 2002, p. 166).

Isto posto, tal como a representação (efígie) colocada no lugar do rei morto tem uma conotação distinta e radical entre o representado ausente (o rei) e o que o torna presente (a efígie), as representações supra categorizadas expostas na Tabela 1 (empecilho, ineficiente, principal enfermidade da nação e entre outras) também apresentam uma oposição radical entre o representado ausente (o analfabeto).

Como exemplo, quando se toma o contexto da nomeada Batalhada da Borracha, no período de 1942 a 1945, onde o Estado brasileiro objetivou cumprir os Acordos de Washington⁹. Tem-se quiçá a produção total de matérias-primas estratégicas oriundas da região amazônica para o esforço da Segunda Grande Guerra Mundial, advindas das mãos, do suor e do sangue dos representados ausentes (analfabetos) tidos como: empecilhos, ineficientes, cegos, inúteis, inválidos para econômica, progresso político, organização democrática nacional entre outros. Isto posto, fica visível a distinção radical do signo. Por outro lado, também torna-se visível o que ele significa.

Compreendeu-se que a perspectiva do termo analfabeto foi usada para propagandear a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), seja por telegramas oficiais, propagandas propriamente ditas, ou ainda por artigos oriundos de outros jornais. E quando assim o faz, utiliza da representação do analfabeto supramencionada incitando e convocando a sociedade civil – analfabetos e alfabetizados – para cooperação e adesão da CEAA, conforme denotam os recortes dos jornais:

[...] Trata-se em verdade de **uma verdadeira campanha de salvação pública**, pois onde existe um **analfabeto** existe perigo para o regime democrático. Democracia é sinônimo de liberdade, de bem estar social e antônimo de analfabetismo. (Filgueiras Lima). (O Acre, 16 de março de 1947).

Brasileiros: Alistai-vos entre os cooperadores do **grande movimento cívico** que ora agita o País. [...] Trata-se de fato de **uma providência** que se impõe aos bons brasileiros. Com efeito, quem contesta a situação humilhante de um homem, quando marcado com o sinete de **analfabeto**? [...] (O Acre, 23 de março de 1947).

55% de **ANALFABETOS** é a percentagem aterradora que enodôa os nossos créditos de povo civilizado. [...] (Propaganda da Campanha de Alfabetização). (O Acre, 06 de abril de 1947).

Chartier (2002), ao sintetizar Louis Marin (1975; 1981; 1993) no subcapítulo “A dominação simbólica” (CHARTIER, 2002, p. 170), mediando-o com Blaise Pascal (1670) e Norbert Elias (1994), analisou acerca das lutas simbólicas, isto é, as lutas que tomam por armas e por objetivos as representações. Para efeitos deste estudo, considerou-se apenas a conversação de Chartier e Marin.

Conforme Marin (1981), citado por Chartier (2002):

O dispositivo representativo opera a transformação da força em poderio, da força em poder e, de outro, valorizando o poderio em estado legítimo e obrigatório, justificando-o. (CHARTIER, 2002, p. 170).

Nessa direção, o Estado brasileiro toma a Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA) como uma guerra civil simbólica, isto é, não utiliza dos meios coercitivos e nem da força física que detém, mas sim, dos dispositivos da representação como armas de combate.

Admitindo que o oponente a ser combatido tratava-se do sujeito analfabeto, isto é, um “indivíduo que não sabe ler nem escrever; quem não possui instrução formal ou desconhece o alfabeto”¹⁰, logo, uma reflexão lógica caminha para a consideração de que os analfabetos não acessam os jornais por via da leitura textual, e por assim ser, jamais tomariam conhecimento da guerra civil simbólica em curso e de sua representação como oponente a ser combatido.

Porém, admite-se a hipótese de que o contato de sua representação, isto é, a revelação da aplicabilidade dos instrumentos da dominação simbólica pelo Estado se deu por intermédio das pessoas alfabetizadas quando nas rodas de conversas coletivas nas tabernas, nos portos, nas feiras, nos cultos da Igreja e em outros locais.

Infere Chartier (2002) em menção a Marin (1981) que:

Os instrumentos da dominação simbólica garantem simultaneamente, portando, “a negação e a conversão do absoluto da força: negação, já que a força não se exerce nem se manifesta, já que está em harmonia nos signos que a significam e a designam; conversão, já que a força pela e na representação se dará como

justiça, isto é, como lei obrigatoriamente impositiva [...]”. (CHARTIER, 2002, p. 171).

Nesse sentido, é sensata a hipótese de que no período de vigência da CEEA – até mesmo anterior ou posterior a tal – o Estado brasileiro não tenha utilizado dos seus mecanismos de coerção e força para resolução daquilo que enuncia como sendo “maior mal que aflige e atormenta o gigantesco organismo do Brasil” (O Acre, 13 de abril de 1949), o analfabeto, dado a negação e a conversão do absoluto da força, isto é, a utilização dos instrumentos da dominação simbólica, as representações.

Considerações finais

Inicialmente foi apresentada uma breve revisão da bibliografia sobre a configuração do jornal *O Acre*, e da utilização do jornal como fonte de pesquisa. Considerando as questões norteadoras do estudo, este exercício justificou-se necessário, partindo do pressuposto de que tal caminho possibilitaria/possibilitou uma melhor compreensão sobre veículo emissor (o jornal) das mensagens que seriam/foram analisadas. Contudo, sinaliza-se que nos limites deste estudo tratou-se de empenhar tão somente uma breve revisão.

Na sequência, foi-se em da busca das respostas referentes às questões norteadoras do estudo, as quais restam devidamente respondidas no terceiro tópico. Desta análise, o referencial teórico empreendido indica que: A força propriamente dita do Estado não se extingue, ela fica em reserva pela multiplicação dos dispositivos que a potencializam, neste caso analisado, a CEEA, no sentido de produzir a obediência e a submissão sem apelo da força através das representações. Por se tratar de uma luta simbólica, a representação posta ao oponente é feita através de signos negativos objetivando a renegação do representado.

Notas

* Adão Rogério Xavier Silva é licenciado em História e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: adaorxs@gmail.com

** Andréa Maria Lopes Dantas é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e professora titular da Universidade Federal do Acre (UFAC).

Doutorada em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). E-mail: a.copaiba@gmail.com

*** Wilse da Silva Brito Filho é bacharel em Administração pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal do Acre – UFAC. E-mail: wsbfilho@yahoo.com.br

¹ A expressão “navegadores principiantes” aplica-se ao autor mestrando Adão Xavier e coautor Wilse Filho. O estudo foi desenvolvido com a orientação da docente Andréa Dantas no decurso da disciplina História da Educação na Amazônia, matéria do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Acre (UFAC).

² Menotti Del Picchia (1892-1988) foi um poeta, romancista, ensaísta, cronista, jornalista, advogado, tabelião e político brasileiro. Foi ativista do Modernismo, mas sua obra mais marcante é o poema “Juca Mulato”, em que a temática é o caboclo o maior traço do Pré-Modernismo. Disponível em <https://www.ebiografia.com/menotti_del_picchia/> acesso em 29 de maio de 2018.

³ Ver: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>

⁴ Com “[...] o Tratado de Petrópolis, a Bolívia consentiu com a incorporação do Acre, cujo território somava 191.000 km² ao Brasil; recebendo como contrapartida algumas áreas da Amazônia e Mato Grosso que, juntas, constituíam 2.296 km², a construção da estrada de ferro Madeira Mamoré, ligando o território brasileiro ao boliviano, livre trânsito aos bolivianos nessa estrada, e uma indenização no valor de dois milhões de libras esterlinas (36.268 contos e 870 mil-réis, em moeda e câmbio da época, ou 200 milhões de dólares, na hora atual)” (ANDRADE & LIMOEIRO, 2003, p. 108).

⁵ Para a autora o termo análise de conteúdo corresponde a “um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens” (BARDIN, 2011, p. 47).

⁶ A publicação em referência trata de um artigo intitulado Desigualdade escrito por Clovis de Azevedo Maia.

⁷ Os números das edições disponíveis na Hemeroteca Digital do período de 1947 são: 803; 804; 805; 806; 807; 808; 811; 812; 814; 815; 816; 817; 818; 819; 820; 821; 822; 823; 824; 825; 826; 827; 828; 829; 830; 831; 832; 833; 834; 835; 836; 838; 842; 843; 844; 845; 847; 848; 849; 850; 851; 852.

⁸ Para melhor aprofundamento recomenda-se ver: CHARTIER, 2002, p. 163.

⁹ “Firmados em março de 1942, os Acordos de Washington previam ajuda técnica e financeira dos Estados Unidos ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Em troca de uma série de matérias-primas estratégicas, tais como a borracha e alguns minerais, os Estados Unidos forneceriam ao Brasil material bélico, financiamento para programas de saneamentos (Vale do Rio Doce e Amazônia) e abastecimento alimentar, dentre outros” (GUILLEN, 1997, p. 95).

¹⁰ Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/analfabeto/>> Acesso em 08 de julho de 2018.

Referências

ANDRADE, José Henrique Fischel de; LIMOEIRO, Danilo. Rui Barbosa e a Política Externa Brasileira: considerações sobre a questão acreana e o Tratado de Petrópolis (1903). **Revista Brasileira de Política Internacional**, Brasília, v. 46, n.1, p. 94-117, 2003.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

COSTA, Deane Monteiro Vieira; ARAUJO, G. C. A Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos e a atuação de Lourenço Filho (1947-1950): a arte da guerra. In: **XXV Simpósio Brasileiro de Política e Administração da Educação e II Congresso Ibero-Americano de Política e Administração da Educação**, 2011, São Paulo (SP). Cadernos ANPAE. Rio de Janeiro: ANPAE, 2011. v. 11. p. 01-09.

DANTAS, Andréa Maria Lopes. O vozear na mata e a modernidade anunciada: educação no território do acre através dos jornais (1906-1930). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p. 28-41, out 2011 - ISSN: 1676-2584.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. A Batalha da Borracha. Propaganda política e migração nordestina para a Amazônia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n.9, p. 95-102, 1997.

LIMA, Tatiana Sá de. Imprensa acreana: um estudo sobre a importância do jornal A Tribuna para o jornalismo do Acre. Rio Branco, **Revista Tropos**, v. 1, n. 1, 2014.

SAVIANI, Dermeval. Breves considerações sobre fontes para a história da educação. In: Exposição na Mesa Redonda Fontes e história das instituições escolares, realizada na II Jornada do HISTEDBR - Região Sul. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. especial, p. 28-35, ago. 2006.

Recebido em: setembro de 2018.

Aprovado em: dezembro de 2018.